

# Enfrentando crises e fechando *Gestalten*

LILIAN MEYER FRAZÃO  
KARINA OKAJIMA FUKUMITSU  
[ORG.S.]



*ENFRENTANDO CRISES E FECHANDO GESTALTEN*

Copyright © 2020 by autores

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**  
Assistente editorial: **Michelle Campos**  
Capa: **Buono Disegno**  
Diagramação: **Crayon Editorial**

### **Summus Editorial**

Departamento editorial  
Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar  
05006-000 – São Paulo – SP  
Fone: (11) 3872-3322  
Fax: (11) 3872-7476  
<http://www.summus.com.br>  
e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor  
Summus Editorial  
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado  
Fone: (11) 3873-8638  
Fax: (11) 3872-7476  
e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# Sumário

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Apresentação . . . . .</b>  | <b>7</b>  |
| <i>Lilian Meyer Frazão e Karina Okajima Fukumitsu</i>  |           |
| <b>1 O trauma segundo o enfoque da Gestalt-terapia . . . . .</b>   | <b>11</b> |
| <i>Maria Alice Queiroz de Brito (Lika Queiroz)</i>   |           |
| <b>2 Resignificando processos com pacientes queimados. . . . .</b>                                       | <b>27</b> |
| <i>Josélia Quintas</i>   |           |
| <b>3 Processos autodestrutivos: do luto do “antigo self”<br/>à reinvenção criativa do self . . . . .</b> | <b>43</b> |
| <i>Karina Okajima Fukumitsu</i>  |           |
| <b>4 Experiências em Gestalt-terapia diante do<br/>sofrimento LGBTQI+ . . . . .</b>                      | <b>63</b> |
| <i>Paulo Barros</i>  |           |
| <b>5 Ética e sofrimento humano . . . . .</b>   | <b>83</b> |
| <i>Lilian Meyer Frazão</i>   |           |

**6 Cuidado às pessoas em sofrimento e possibilidades  
de resignificação . . . . . 97**

*Beatriz Helena Paranhos Cardella*

**7 Relação ambiente-corpo como unidade sagrada:  
Gestalt-terapia como morada da espiritualidade . . . . . 117**

*Jorge Ponciano Ribeiro*

# Apresentação

LILIAN MEYER FRAZÃO

KARINA OKAJIMA FUKUMITSU

Dedicamos este livro a Maria Cecília Peres do Souto, amiga querida, parceira e professora ímpar, por toda sua longa dedicação e contribuição à Gestalt-terapia no Departamento de Gestalt-terapia do Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo.

O volume 7 da **Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas** teve origem em 26 de julho de 2019, num dia nublado em que Karina amanheceu em Roraima e escreveu para Lilian: “Acordei inspirada para levar a cabo o volume 7. Segue anexa proposta para sua avaliação”. Assim este livro começou. Para compô-lo, escolhemos autores que trabalham com determinados tipos de sofrimento – como traumas, queimaduras, homo e transfobia, processos autodestrutivos, transtornos de ansiedade e pânico –, investindo esforços para auxiliar no resgate do bem-estar daqueles que acompanham por meio de cuidado, ética e espiritualidade.

Crises todos vivemos. Forças para enfrentá-las nem todos temos. Se um dos objetivos principais da Gestalt-terapia é a

ampliação da *awareness*, sobretudo daquilo que impede o fluxo contínuo e dificulta a fluidez do viver, nosso convite para este volume é o de refletirmos sobre as possibilidades de resignificação de nossas *Gestalten*.

Em japonês, a palavra crise é composta por dois ideogramas diferentes: um deles significa *risco* e o outro, *oportunidade*, de forma que crise implica ambos. Porém, sabemos que nem todas as situações – sobretudo aquelas nas quais enfrentamos obstáculos que nos provocam sofrimento – são possíveis de ser fechadas. Nem toda Gestalt se fecha. Apesar disso, cremos ser possível, segundo a visão gestáltica, utilizar a criatividade e a espontaneidade por meio daquilo que Perls, Hefferline e Goodman (1997) definiram como *desprendimento criativo*, o qual se torna imprescindível para lidar com conflitos e situações de crise.

“O trauma segundo o enfoque da Gestalt-terapia” é o primeiro capítulo deste volume. Maria Alice Queiroz de Brito inicia o texto mostrando que é preciso experiência, conhecimento e sensibilidade para adentrar situações de sofrimento inimagináveis. Lika parte da compreensão gestáltica de saúde e considera que a falta de recursos necessários para lidar com as adversidades pode ser vista como um trauma que se torna gatilho de uma situação ameaçadora e promove disfuncionalidade no sistema de contatos *self*. Ela ressalta que a “primeira preocupação do Gestalt-terapeuta é a construção de um vínculo suportivo com o cliente”.

Tomando por base sua extensa experiência no maior hospital de grandes traumas do estado de Pernambuco, Josélia Quintas compartilha seu profícuo trabalho realizado com pacientes que sofreram queimaduras e nos fala da necessidade de lhes oferecer heterosupoorte. Diz a autora que, “pelas rupturas sofridas

e perdas reais causadas pelo acidente, diante de tantas solicitações da equipe para o tratamento necessário e das múltiplas adaptações a esse novo campo de experiência, convocamos o paciente a entrar em contato com o que está acontecendo agora”.

No Capítulo 3, tomando por base sua experiência com prevenção e posvenção do suicídio, Karina Okajima Fukumitsu constata que o indivíduo em processo de morrência e em intenso sofrimento existencial se vê como “mais um num mundo sem sentido”. São pessoas que dizem não acreditar na possibilidade de desfrutar do existir em sua máxima plenitude. Aquele que tenta o suicídio ou morre dessa maneira executa um ato de comunicação único e exclusivo. Com base nessas constatações, Karina conclui que “o sofrimento existencial pode ser compreendido como um estado de tensão no qual quem sofre não consegue entender por que sofre”. Além disso, fala da importância do acolhimento e do cuidado para o equilíbrio do sofrimento existencial.

No quarto capítulo, “Experiências em Gestalt-terapia diante do sofrimento LGBTQI+”, Paulo Barros discorre sobre algumas das comunalidades de parte dos sofrimentos vivenciados por essas pessoas, tomando por base tanto sua experiência pessoal como a que vivencia no atendimento de seus clientes. Diz ele que “vivemos em uma sociedade em que grupos políticos e religiosos, compostos em sua maioria por homens, instituíram a heterossexualidade como a orientação sexual adequada, limpa, pura e natural”, o que implica dizer que as demais expressões e identidades sexuais passam a ser consideradas desviantes e anormais.

Já Lilian Meyer Frazão aborda a questão da ética de dimensões que vão além do fazer profissional. Tece considerações relativas a violência, agressividade, subemprego, competição e

outras situações do mundo contemporâneo que considera adversas para o acontecer humano, postulando a importância de uma atitude ética – a qual deve ser pensada como postura no mundo e diante dele.

No Capítulo 6, “Cuidado às pessoas em sofrimento e possibilidades de resignificação”, Beatriz Cardella estabelece um rico diálogo com a poesia, a mística e a religião, campos esses que assinalam o paradoxo que constitui o ser humano. Segundo ela, os poetas, os místicos e os religiosos muito ensinam sobre sofrimento e cuidado, à medida que revelam dimensões do humano que a razão não é capaz de abarcar. Beatriz aborda essas dimensões do sofrimento que precisam ser acolhidas e reconhecidas pelo clínico a fim de que ele possa ofertar aos seus pacientes um lugar, de fato, *humano*, onde possam vir a acontecer.

Sentimos, pensamos e, em movimento, existimos em processo de mudança. “Meu corpo é *o que* eu sou. Minha alma é *como* eu sou” – é assim que Jorge Ponciano Ribeiro inicia seu capítulo. O autor percorre os caminhos de espiritualidade pelo profano e pelo sagrado, afirmando que “a relação psicoterapêutica se torna sagrada, fator de cura, no momento em que psicoterapeuta e cliente se constituem, na sua singularidade, seres essencialmente complementares e adquirem o temor fascinante pela beleza um do outro”.

Sofrimento demanda respeito com os nossos sentimentos, inovação, criatividade, espontaneidade e zelo. Por esse motivo, esperamos que este volume seja para o leitor um acalanto para as amarguras que afligem nosso coração.

## REFERÊNCIA

PERLS, F. S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 1997.

# 1. O trauma segundo o enfoque da Gestalt-terapia

**MARIA ALICE QUEIROZ DE BRITO (LIKA QUEIROZ)**

“Não escondemos o que é sombrio de propósito, tampouco basta a vontade para nos conscientizarmos de quem somos ou do que sentimos. É preciso que os outros nos apresentem o estranho, o desconhecido que habita em nós.”

(Cardella, 2009, p. 109-10)

Escrevo este capítulo da varanda de casa, olhando o mar azul; o dia está lindo! Vem-me à mente o sorriso da Karina e percebo-me sorrindo também. Dá um calorzinho no coração. Sou assim, vou gestando o que quero escrever e, de repente, sinto que as contrações do parto se iniciam, pego todos os livros que andei olhando já devidamente marcados, escrevo em uma folha de rascunho o fio condutor do capítulo, acho a citação ou poema que dará o tom e puxará o fio da meada do meu pensar... Aí varo dia e noite, parando, de vez em quando, para olhar o mar, sentir o vento, escutar o gorjeio dos pássaros.

Trabalhar ajudando o cliente a desvelar situações traumáticas, atravessá-las, restaurar e integrar aqueles fragmentos de si que, em um processo de autorregulação orgânica, ficaram alienados é algo extremamente delicado, como afinar um instrumento em meio à apresentação de uma sinfonia; qualquer movimento inadequado pode quebrar a harmonia do momento. É adentrar situações de sofrimento inimagináveis que, às vezes, me fazem questionar a dimensão humana que habita em alguns seres viventes. A fim de pensar sobre isso, preciso do acolhimento que a minha varanda me traz...

Para entendermos a dinâmica do trauma, faz-se necessário nos remetermos ao conceito de saúde para a Gestalt-terapia. Segundo Latner (1974), saúde é ter habilidades para lidar eficazmente com qualquer situação que se apresente aqui-agora, alcançando uma resolução satisfatória de acordo com a dialética de formação e destruição de *Gestalten*. “Saúde não garante que obstáculos não nos derrubem quando os defrontamos – apenas significa que nós nos aplicamos à tarefa em mãos com tudo o que temos” (Latner, 1974, p. 51).

E quando não se tem os recursos necessários para lidar com o que se está defrontando? Essa pode ser uma situação traumática. Esta pode ser definida como

eventos para os quais o indivíduo ou o grupo não tem suporte interno necessário para integrar, gerando situações inacabadas, interrupções de contato, trazendo um impacto fisiológico, emocional, cognitivo, interferindo com as relações de campo organismo-meio. (Brito, 2019a, p. 132)